

SACERDÓCIO E POESIA: A OBRA DE OSCAR BERTHOLDO

ANTÔNIO CARLOS MOUSQUER*

RESUMO

O presente trabalho tem como tônica a gênese da obra poética do Padre Oscar Bertholdo. Egresso de uma família de pequenos agricultores da região serrana do Rio Grande do Sul, Bertholdo encontrou nos seminários católicos de formação religiosa a motivação e o instrumental necessário para a construção de uma significativa produção literária. As aulas de filosofia e línguas estrangeiras ilustradas, muitas vezes, com os grandes clássicos da literatura universal e brasileira, despertaram no jovem seminarista o gosto e a aptidão para a criação literária reconhecida por grandes da cultura nacional, como Nelson Werneck Sodré, Maria Chamie e Dom Pedro Casaldáliga.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Religião. Catolicismo.

INTRODUÇÃO

Artífice de uma produção lírica fortemente ligada ao ofício sacerdotal, o poeta e padre gaúcho Oscar Bertholdo desenvolveu uma obra poética marcada pela transcendência e pelo recolhimento. A obra desse artista, ainda carente do reconhecimento devido, aparece impregnada de dados da sua história individual e, principalmente, da experiência vivida nos seminários de formação religiosa e do sacerdócio exercido em pequenas comunidades da Serra gaúcha.

Com um percurso artístico constituído por uma produção poética numerosa e laureada em diversos concursos literários, Oscar Bertholdo

* Professor associado de Teoria da literatura na Universidade Federal de Rio Grande/FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: mousquer@gmail.com ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4217-6728>

teve sua confecção lírica calada, juntamente com sua existência, por circunstâncias trágicas, no dia 22 de fevereiro de 1991. Seu nascimento deu-se em 15 de julho de 1935, em Nova Roma do Sul, distrito de Antônio Prado (RS), e sua formação em Filosofia e Teologia, na Faculdade Imaculada Conceição de Viamão (RS). Além da fecunda atividade poética, sua vida foi dedicada ao sacerdócio, exercido nas paróquias de Caravaggio, em Bento Gonçalves, e Farroupilha, ambas pertencentes à diocese de Caxias do Sul (RS), e à docência na Faculdade de Bento Gonçalves. Também desempenhou a direção de uma emissora de rádio na cidade de Farroupilha.

A imagem primeira de sua poesia, publicada tanto por pequenas editoras regionais quanto do centro do país, como as Edições Paulinas e a Civilização Brasileira, manifesta a recorrente incorporação de outros discursos por meio de indicações extratextuais. Epígrafes bíblicas e referências a Virgílio e a Dante revelam um cruzamento de ideias que reforçam a feição histórica e cultural do poema, fruto dos longos estudos desenvolvidos nos seminários católicos. Além disso, tem-se o aproveitamento pelo poeta do espaço onde viveu: os grandes vales da região serrana do Rio Grande do Sul. O encontro com a sua biografia, assinalada nas reminiscências, na geografia do espaço doméstico e na vinculação ao universo religioso são apresentados de forma perene sob o uso cristalizado da primeira pessoa. Temas ligados ao ofício sacerdotal e à especulação metafísica constituem mananciais intensamente explorados no conjunto de 16 livros, muitas vezes ratificados com a apropriação criativa de Murilo Mendes e Jorge de Lima, poetas cujas obras também se amparam numa perspectiva cristã.

1. A LITERATURA NOS SEMINÁRIOS DE FORMAÇÃO RELIGIOSA

Foi num período de grande efervescência política, cultural e social do cenário histórico brasileiro do século XX, a década de sessenta, que um grupo de jovens poetas, então internos num seminário de formação religiosa, compôs uma antologia poética. Denominada *Matrícula*, a obra

encontra, na instituição educacional, um espaço de formação humanística por excelência, o diálogo efetivo com a filosofia, com a religião e com os clássicos da literatura universal e brasileira.

Nesse cenário e nesse panorama, marcados por intensas agitações extensivas à política, à literatura à música e ao cinema, deu-se a aproximação e a realização conjunta do livro concebido por jovens seminaristas da Serra Gaúcha. Os ensinamentos e os estudos das letras clássicas e da cultura artística, ao lado da formação sacerdotal, despertaram nos estudantes Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato¹ e Jayme Paviani² e Delmino Gritti³, então internos no Seminário Nossa Senhora Aparecida, de Caxias do Sul (RS), durante o final da década de cinquenta, a atenção e o gosto para o universo literário.

As aulas de grego, de latim, de inglês e de francês puseram os seminaristas em contato com a poesia dos grandes escritores da literatura universal. Horácio, Virgílio, Rimbaud, Baudelaire e Mallarmé foram autores que ilustraram as teorias ministradas pelos professores. Paviani relembra as discussões provocadas em aula pela leitura do livro *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, doado a um professor, o Padre Hilário Pandolfo, por um amigo chegado do Rio de Janeiro. Tal fato toma proporção pela distância geográfica e cultural que separava Caxias do Sul, com modos e mentalidade típicos de uma cidade interiorana, dos centros culturais do país, Rio de Janeiro e São Paulo, e pela relevância, naquele momento, do contato com o texto recém-lançado.

As explanações proferidas em aula pelo Padre Pandolfo traziam para o centro dos debates, além da poesia dos grandes autores da literatura

¹ Escritor e poeta gaúcho, Pozenato notabilizou-se nacionalmente pelas adaptações cinematográficas e televisivas de duas narrativas de sua autoria: *O quatrilho* e *O caso do martelo*.

² Poeta e professor de Filosofia, Jayme Paviani exerceu a docência na Universidade de Caxias do Sul (UCS), na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo (RS), e na Universidade Federal de São Carlos, em São Paulo.

³ Além de poeta, Delmino Gritti exerceu as atividades de livreiro e editor.

universal e do já citado Jorge de Lima, a obra de outros nomes significativos da produção poética brasileira. As discussões envolviam os poemas de Carlos Drummond de Andrade e de Murilo Mendes e temas de cunho teórico e crítico, como o caso de Sérgio Milliet, com o livro *Panorama da poesia brasileira*, conforme lembra José Clemente Pozenato em entrevista a Antonio Hohlfeldt (POZENATO, 1977) publicada pelo *Correio do Povo*, no dia 13 de dezembro de 1977, 10 anos após o lançamento da antologia *Matrícula*:

Creio que os livros de Sérgio Milliet, o *Panorama da poesia brasileira* e *Poesia e liberdade*, de Murilo Mendes, nos marcaram fundamentalmente. Não que haja semelhanças entre o que eles faziam e o que nós fizemos. Mas foi a inspiração na maneira de pensar. Do que me lembro, o que mais me impressionou foi a figuração visual das imagens de Murilo (POZENATO, 1977, p.17).

Os estudos desenvolvidos no seminário provocaram nos jovens estudantes a motivação para a criação poética. Influenciados pelo contato com a obra literária de autores de diferentes círculos culturais, Paviani, Pozenato e Bertholdo passaram a escrever poemas que logo iam para as páginas da revista *União*. O periódico, produzido no interior da instituição religiosa e com circulação limitada ao campo de atuação da igreja, trazia os primeiros textos elaborados pelos estudantes.

Após a conclusão dos estudos realizados no Seminário de Caxias do Sul, os seminaristas foram transferidos, em 1961, para o Seminário Maior de Viamão (RS), para darem continuidade a sua formação religiosa. Os ensinamentos desenvolvidos no Seminário de Viamão aprofundaram as discussões iniciadas em Caxias do Sul. As aulas recebidas na Serra, de grego, latim, de inglês e de francês, essa última sob responsabilidade de professores da Aliança Francesa de Caxias do Sul, foram ilustradas, posteriormente em Viamão, com a poesia de autores significativos da tradição literária. *As bucólicas*, de Virgílio, e *A divina comédia*, de Dante Alighieri, dentre outros, constituíam objeto de análise e aplicação das lições recebidas. Os poetas modernistas brasileiros, como Manuel Bandeira e

Menotti Del Pichia, e seus procedimentos, como a adoção do verso livre, a valorização do cotidiano e o culto do primitivismo, despertavam as atenções desses jovens.

Nessa nova etapa, durante os anos de 1961 a 1963, os seminaristas continuaram a escrever poesia. Os textos por eles elaborados eram publicados na revista *O seminário*, periódico confeccionado e produzido dentro da instituição religiosa, o Seminário Maior de Viamão, mas suas produções também começaram a ocupar espaço em veículos como o jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre. Por volta de 1965, Oscar Bertholdo foi transferido para exercer o sacerdócio em Caravaggio e depois em Bento Gonçalves, mas manteve o contato com seus antigos companheiros de grupo.

Nos encontros do grupo, em meados da década de sessenta, começou a tomar forma a ideia de elaboração de uma antologia poética. Com essa finalidade, os componentes, juntos de um novo participante, Ary Trentin, reuniram-se duas vezes para tratar do preparo e da edição do livro. Na primeira oportunidade, selecionaram os poemas a serem incluídos na obra, alguns inéditos e outros já publicados pelo periódico *O seminário*, de Viamão, pelo *Jornal do dia*, pela *Revista Nossa Geração* e pelo *Correio do Povo*, de Porto Alegre. Na segunda ocasião, escolheram o título do volume que, por sugestão de Bertholdo, recebeu a denominação *Matrícula*. O lançamento do livro, publicado pela editora Livro Sul, de Caxias do Sul, aconteceu, por iniciativa dos próprios poetas, na cidade sede da editora, no dia 21 de junho de 1967, e alguns dias após em Bento Gonçalves e na Livraria do Globo, em Porto Alegre.

Em Caxias do Sul, cidade onde morava a maioria dos autores, o livro foi anunciado antes de seu lançamento. O jornal *Pioneiro* publicou, quatro dias antes do aparecimento da obra, uma nota anunciando o acontecimento:

Na próxima quarta-feira, dia 21, na livraria São Paulo, desta cidade, será lançada a antologia poética *Matrícula*, com cadernos de poesia dos poetas desta cidade, pertencentes ao grupo Reunião, tendo à fren-

te o Padre Oscar Bertholdo. O acontecimento literário vem comprovar a animação reinante, principalmente entre os universitários de Caxias do Sul e da região pela intensificação do movimento cultural em nosso meio (PIONEIRO, 1967, p.16).

Após a notícia do jornal caxiense, outra referência, desta vez em um a publicação de alcance nacional, a *Revista Civilização Brasileira*, do Rio de Janeiro, ampliou o espaço da recepção crítica. Isso se deu com a nota publicada pelo historiador e crítico literário Nelson Werneck Sodré na edição de novembro/dezembro de 1967 da referida revista:

Uma surpresa, a coletânea *Matrícula*, do grupo gaúcho de Caxias do Sul, representado por Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Ari Nicodemos Trentin e Delmino Gritti, com notas às vezes bem altas que nos fazem crer que tais nomes, ou alguns pelo menos, apareçam adiante, e se tornem conhecidos, porque o que oferecerem agora é muito mais que simples promessas (SODRÉ, 1967, p.180).

Em seu artigo, Nelson Sodré saúda a qualidade dos livros lançados no trimestre, e após se referir às obras ensaísticas de Silvio Rabelo, Hélio Jaguaribe, Leandro Konder e à ficção de Antônio Callado e Carlos Heitor Cony, louva, no campo da poesia, o surgimento do Grupo Matrícula.

A nota publicada na *Revista Civilização Brasileira* sobre o lançamento da antologia, no mesmo ano em que vinha a público, significou a extensão de seu reconhecimento para além dos limites do espaço do Rio Grande do Sul. Isso se deve à importância desse veículo de comunicação e à relevância adquirida pelos seus artigos, notas e resenhas, frente a seus leitores, num momento de grande efervescência cultural, social e política no solo brasileiro, a década de sessenta.

A repercussão atingida pelo livro surpreendeu seus próprios autores, conforme deixa ver Oscar Bertholdo na entrevista concedida ao professor Antonio Hohlfeldt e publicada pelo jornal *Correio do Povo*: “Nós nem tínhamos sonhado com nada igual, nem estávamos preparados para

isso” (BERTHOLDO, 1977, p.17). Essa primeira referência positiva da crítica e o alcance obtido pela antologia estimularam Oscar Bertholdo a continuar escrevendo, conforme atestam a sua vasta produção posterior e a positividade que a recepção crítica a ela reserva.

2. POESIA, RECOLHIMENTO E TRANSCENDÊNCIA

Filho de pequenos agricultores da região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, Oscar Bertholdo adquiriu nos seminários católicos a formação humanística necessária para se edificar como poeta. Egresso de um espaço carente de bibliotecas e de livrarias e repleto de costumes bastante simples, como o da Serra Gaúcha, Bertholdo encontrou nas instituições de formação sacerdotal não apenas um universo de conhecimentos, habilidades, crenças e valores, mas também uma matriz de fomentos imagísticos e espirituais, o fundamento maior da inspiração criativa. Vem daí o incentivo para a criação literária efetivada num conjunto expressivo de livros, muito deles premiados em concursos estaduais e nacionais e referidos de forma alvissareira por poetas, críticos literários e pensadores como Carlos Drummond de Andrade, Mário Chamie e Dom Pedro Casaldáliga⁴.

Bertholdo marca sua participação na antologia concebida na instituição religiosa com o maior número de poemas, sublinhando sua presença com um total de 20 poesias. Em âmbito temático, ficam nelas registradas significações que abarcam o tópico do vale, distintivo da serra gaúcha e o apego ao ofício sacerdotal, elementos recorrentes no conjunto de sua produção: fontes intensamente exploradas no desenvolvimento de questões ligadas a inquietações existenciais, até a reflexão sobre o ato criativo. São assinaladas, ainda, a valorização do universo religioso, marcado pela correspondência com circunstâncias biográficas e as suas implicações.

⁴ O livro *Informes de ofício e outras novidades* ganha a seguinte referência do padre espanhol: “Seu livro é francamente ótimo, clássico – no mais nobre sentido da palavra”, conforme se lê na quarta capa.

Assim procedendo, Bertholdo afirma, na já referida entrevista concedida a Antonio Hohlfeldt, a atuação reagente de seu fazer artístico frente às limitações humanas, dando a esse realizar uma intenção similar à desenvolvida em seu sacerdócio. Tal indicação reafirma a abrangência do ofício em sua vida, que consagra de forma equânime a religião e a lírica:

No mundo da competição em que vivemos, sabemos que só tem valor o que for prático, imediato, mas sabemos, igualmente, que existe alguma coisa mais. Se eu venho trabalhando todo esse problema enquanto sacerdote, descobri que também posso enfrentá-lo, e talvez mesmo ampliá-lo enquanto escritor (BERTHOLDO, 1977, p. 5).

Se, como afirma Murilo Mendes, “pelos cinco sentidos também se vai a deus” (MENDES, 1972, p. 33), essa experiência ganha, no caso de Oscar Bertholdo, uma tonalidade conflituosa. O confronto entre a emoção despojada e o regramento, esse último, uma diretriz fundada em absorções não explicitadas e não deliberadas pelo emissor, mas sugeridas, define a contensão e o desajuste. As marcas daí geradas, o privilégio ao que o mundo oferta e a impossibilidade de vivência plena, geram aflição, conforme se observa em *Primeira canção de muito perto*:

Sinto-me
Hostil e distante
De mim mesmo, de tudo
(BERTHOLDO *et al.* 1967, p. 10).

A elevação por meio da poesia e a aura por ela alcançada constituem uma efetividade reiterada pelo poeta e um manancial, no caso de Bertholdo, para a investigação dos nexos entre poesia e biografia. Resulta, ainda, sob a ótica de seu emitente, em uma cosmogonia. Esse sentido fica elucidado na entrevista que o poeta concede a Antonio Hohlfeldt, quando afirma:

O sacerdócio não impede o ofício da palavra, ao contrário, se Deus se fez palavra, toda a vez que se a explorar, estaremos realizando uma ação santificável. Raissa Maritain diz que o poeta é um colaborador de Deus (BERTHOLDO, 1973, p. 5).

A ascendência do cristianismo e suas dualidades, um aspecto estendido ao longo da produção de Bertholdo, vem a ser uma posição que envolve, no cenário da literatura brasileira, o mineiro Murilo Mendes, escritor cuja poesia apresenta de modo claro esse componente. Dessa aproximação, vem o reforço no embate que resulta das tentativas de encontrar na obra em questão suas peculiaridades e que, nesse âmbito, encaminha à biografia ou à fixação, na realização artística, de traços que revelam a imortalidade de outros poetas.

Quanto à presença de Murilo Mendes na obra de Bertholdo, ou melhor, às similitudes entre os poetas mineiro e gaúcho, pode-se citar, dentro da perspectiva religiosa tomada por ambos, o reconhecimento de uma dualidade: a do corpo e a da alma. A angústia gerada diante das limitações intrínsecas toma forma em seus versos, conforme mostra Murilo Mendes em *Alta Tensão*:

Não posso consolar
nem ser consolado
não posso soprar em ninguém
o espírito da vida
nem ordenar o crescimento das crianças
nem oferecer uma aurora boreal à minha amada
nem mudar a direção do olhar da amada,
nem mudar – aí de mim – a direção do mundo
(MENDES, 1994, p. 56).

Oscar Bertholdo, por sua vez, assim expressa essa mesma condição em *Da humana serenidade*:

Vinham buscar o fermento,
Penúltimo desejo de ser.
Vieram a mim os feridos
E eu não soube dizer...
(BERTHOLDO *et al.*, 1967, p. 21).

Gaston Bachelard (1990, p. 42), ao definir a poesia como “abertura às alturas das palavras”, vem ao encontro da que é produzida por Bertholdo

no livro *Lugar*, de 1976. Essa obra, premiada em um concurso nacional, apresenta como imagem recorrente o elemento fogo. A consolidação de transcendências por meio do fogo e de seus correlativos implica o seu manancial significativo que, para Bachelard, reside num consumo do ser e ser mais. Daí a presença poética da fênix e sua evocação criativa e destrutiva.

O encontro na expressão literária entre a imaginação e um ser mítico, a fênix, ave que se inflama e renasce das próprias cinzas, na sublimação alcançada, assume múltiplos sentidos. No poema *Quasengano*, sua evocação obedece a uma orientação religiosa na qual o punitivo e o apocalíptico definem o tom angustiado, neutralizado pela redenção que o fogo desenha:

Ave obsoleta, lugar de larvas
o fogo é um aquém um agora, substituída
vigília de condenar-me para sempre
aos tormentos de todos os sinais. Digo
tranquilamente aos meus poemas: o fogo
é a cousa mais rebelde do mundo e com esta
metáfora parto sem regresso
(BERTHOLDO, 1976, p. 27).

O feito extraordinário, o renascimento do sujeito por meio do fogo e o reaparecimento da ave, designa a promoção de uma vivência que aflora através do aniquilamento. O elemento da natureza, eivado de religiosidade expiatória, não apenas eleva o sujeito punido à verticalidade transgressora, através de seu correlato mítico, o pássaro, como também revela a alteridade em si. Esse movimento que aproxima a poesia da religião constitui uma perspectiva que tem consonância com o que propõe Octavio Paz (1982, p. 45): “Em suma, a experiência religiosa e a poética têm uma origem comum: suas expressões históricas – poemas, mitos, orações, exorcismos, hinos, etc. – são experiências de nossa ‘outridade’ constitutiva”.

O aprofundamento poético dos significados lendários ao fogo associados, como no aproveitamento da figura de Prometeu e, em

decorrência disso, da sua desobediência e da sua autodeterminação, leva o artista a mostrar resistência e a tomar as suas consequências, como se vê em *Tempestade*: “Ó fogo dominador, desde a antiguidade prometeana o poeta se obriga a escutá-lo” (BERTHOLDO, 1976, p. 200).

Como aponta Bachelard (1990, p. 93), se “as imagens prometeicas designam sempre uma ação física que eleva a natureza do homem” o aproveitamento, nessa ascensão, dos seus significados traz, ainda, como mostra o filósofo francês, “uma culpabilidade difusa”. No caso de Bertholdo, porém, essa falta toma proeminência, pois adquire uma significação sublinhada, conforme mostra o mesmo poema: “Em qualquer texto primitivo, volta o fogo/ à terra para advertir os mortais punidos” (BERTHOLDO, 1976, p. 200).

O apego do artista ao referencial mítico reside na tomada de uma ação transgressora e no reconhecimento de uma reserva do sujeito. Assim, a punição infligida a Prometeu, a ativação em seu corpo do fogo devorador, espaço da vida instintiva e suplício que a ave devoradora atíça, é o tormento incorporado pelo poeta em *Labor*:

O fogo em algum lugar
é bico de animal e sua forma estável
é sabe-lo infundido sobre toda a carne
(BERTHOLDO, 1976, p. 202).

O apelo à imaginação, cuja origem se encontra na tentativa do ser de ir além de si mesmo, tem como orientação a tentativa de ultrapassar uma condição limitadora. Essa intenção, reconhecida por Bachelard (1990, p. 87) ao formular a pergunta: “Como não incorporar ao vivido a maior das indisciplinas que é o vivido imaginado?”, aparece em *Palavras em patmos*: “Adormeço sonhando-me arrebatado por/ uma águia” (BERTHOLDO, 1976, p. 36).

Para Alfredo Bosi (1996, p. 44), o alento dado ao sonho, o grande salto em direção ao espaço da realização e da liberdade plena, o poema, encontra, em seu caminho para a evidência, os componentes da tradição:

em suas palavras, “a porta da cultura”. Esta, constituída de padrões, de estilos e de ideologias que definem o modo pelo qual o sentimento se torna imagem, resulta das escolhas e dos influxos as quais o artista se integra. No caso específico de Bertholdo, tem-se a opção, no conjunto de poemas de *Lugar*, pelos versos longos de feição sentenciosa, como se vê no poema abaixo, *Quasengano*, e pelo diálogo com as escrituras, conforme fica evidente nas epígrafes tomadas do Gênesis⁵, o primeiro livro da *Bíblia*, que se ocupa das origens do mundo e da humanidade:

Quem traça no caos a solidão de se ouvir
A si mesmo concede a sombra o primeiro dia
O nome a cor o reflexo a fragilidade
Avia o hálito de boca a boca as intenções
Anteriores às estrelas
(BERTHOLDO, 1976, p. 27).

A confluência de procedimentos manifesta-se na forma discursiva e no plano do conteúdo com a transmissão de máximas, de sentenças e na crença absoluta no dizer fundador, um conjunto de efetividades bíblicas. A associação da palavra com o fogo, também um elemento dotado de intenção purificadora e de iluminação, é definida pelo poeta em *Labor*: “A forma mais primitiva do fogo é a palavra” (BERTHOLDO, 1976, p.41).

Vem daí a sublimação encontrada no fogo, que adquire ainda outra determinação, a do aniquilamento. Por isso, a ambivalência, conforme se pode perceber na adoção de uma linguagem apocalíptica com teor punitivo, como em *Quasengano*:

O fogo é um aquém um agora, substituída
vigília de condenar-me para sempre aos
tormentos de todos os sinais em luta
(BERTHOLDO, 1976, p. 27).

⁵ “O homem e sua mulher esconderam-se da face do Senhor no meio das árvores do jardim. Mas o senhor chamou e disse-lhe: – onde estás?” (GÊNESIS 3, 8-9).

A contenção, o regramento e a limitação, de um lado, e o ímpeto e a atuação, de outro, centros definidos no desenvolvimento temático em discussão, mostram o encaminhamento dado ao percurso existencial. Assim, a ambivalência do fogo ora se reveste do sentido de uma ação transgressora na linha de Prometeu, como em *Manuscrito*, quando o poeta registra: “O fogo abraçado de víboras/ oficia a dança prometeana” (BERTHOLDO, 1976, p. 198), ora se apresenta sob uma formulação religiosa, como em *Noite de patmos*: “O fogo será antes/ algum satã vazio e antes das fábulas” (BERTHOLDO, 1976, p. 35).

Elevação e queda, nascimento e consumição, constituem polos de equilíbrio. Por isso, a simbologia do fogo, elemento legitimador por excelência dessas dualidades. De forma homóloga, tem-se a intertextualidade, apoiada nas referências bíblicas e, de modo específico, em sua formulação que anuncia e cria e, ao mesmo tempo, revela o fim. Daí o privilégio dado à palavra, forma mítica equiparada ao fogo, também flamejante, elevatória e verticalizante e que, na criação poética, por não designar, mas ser, vai além:

Confesso que a alegria é intraduzível
ponho os sonhos em ordem, tudo se passa
como se o poema fosse ícone, ajoelho-me
para rezar, detenho a intenção de propor
um sol a partir da própria visibilidade
(BERTHOLDO, 1976, p. 64)

A incorporação, pelo fazer poético, da experiência religiosa, como efetiva Bertholdo, encontra apoio nas palavras de Henry Suhamy (1986, p. 95), para quem “o tema poético une o maior peso existencial à maior significação essencial”. formaliza correspondências que se tensionam: a do estar e do ir além. O reforço dessa motivação, evidenciado no conjunto denominado *Poemimprovisos* (1974), permite perceber o encontro com a liberdade. Nessa obra, premiada em um concurso literário, os poemas têm como tópicos privilegiados, a preocupação com a linguagem e o vale, que se constitui como espaço da expressão poética, conforme assinala a

professora Lúcia Helena em artigo publicado no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro:

Em *Poemimprovisos*, o vale surge não mais como paisagem, mas como o espaço do poético: o “lugar” da linguagem, onde o homem divisa a vereda não bloqueada pelo dualismo e circularidade que o envolvem e de que ele tenta escapar (HELENA, 1974, p. 7).

O uso de referências extraídas do universo filosófico de Santo Agostinho⁶ toma força no manuseio e no trabalho com a palavra. A preocupação do medievalista com o logos, uma inteligência cósmica onipresente plena no pensamento humano, envolve a linguagem e, de modo consecutivo, a palavra, tópico central da intenção realizada no livro. A força construtiva do signo linguístico revela-se confirmada no poema que abre a série *Poemimproviso*: “Abrir carnivoramente a palavra e ser audaz” (BERTHOLDO, 1974, p. 23). Efetiva-se uma tentativa quase obsessiva do sujeito de, não apenas alcançar o seu próprio sentido, mas acima de tudo de, por meio da exploração intensa de certos campos semânticos, autocompreender-se na busca do já vivido.

A força construtiva e de intenções de longo alcance, “O poema cresce como um útero” (BERTHOLDO, 1974, p. 51), insere a poesia numa linha de realização que passa por Jorge de Lima, citado pelos componentes da antologia *Matrícula* (como um dos seus influenciadores e artífice de uma obra impregnada da absorção cristã e um espaço de combinações variadas. Essa feitura, apresentada de modo “caótico e contraditório, visionário e alucinado”, nas palavras de Luciana Pichio (1997, p. 546), pode ser tomada como aquela que tem consanguinidade com a de Bertholdo, como se explicita no momento abaixo, extraído de *Invenção de Orfeu*:

Memorial vô de círculos concêntricos
em movimentos de ilha circular,

⁶ As referências extraídas de Santo Agostinho são: “Começa tu a interrogar-me sem palavras, para que depois eu te possa responder da mesma forma” e “Voltamos ao vão ruído dos nossos lábios, onde a palavra começa e acaba”.

a memória dilata-se e consome-se,
a frase repercute idades, temas,
tardandorinha enterradas vivas
e ainda atravessando as mesmas tardes
(LIMA, 1988, p. 65).

O poema torna-se exemplar da aproximação entre Jorge de Lima e Bertholdo, pois contém em si a matéria e os procedimentos tomados como elementos da criação do poeta gaúcho no conjunto denominado *Poemimprovisos*. O reconhecimento do tempo que envolve a memória revisitada, a exteriorização por meio do fluxo espontâneo e a conformação espiralada com o sujeito no centro, constituem agentes presentes em *Invenção de Orfeu* e uma efetividade temática em Bertholdo. Acrescente-se, ainda, o influxo religioso, outra proeminência comum aos dois autores.

CONCLUSÃO

O exame da obra poética do Padre Oscar Bertholdo desvela a ascendência do cristianismo na sua realização artística. Essa influência, muito enfática enquanto traço caracterizador de sua lírica, provém de sua passagem pelos seminários de formação sacerdotal. Foi nessas instituições que Bertholdo, filho de pequenos colonos da região de imigração italiana do Rio Grande do Sul, encontrou o incentivo e a formação necessária para o estabelecimento de uma produção lírica relevante, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. As aulas de filosofia, línguas estrangeiras e, principalmente, o encontro com os grandes clássicos da literatura universal e brasileira orientaram sua consecução poética à tradição literária, presente em seus poemas sob a forma de intertextualidades, confluência de temas e modos similares de realização. Releva notar que esses influxos advêm preferencialmente daqueles autores cujas obras são marcadas por uma visão cristã, efetivamente católica, como Jorge de Lima e Murilo Mendes. Assim como os dois poetas, Bertholdo busca pela linguagem

interpretar um tema que também lhe é bastante caro: o transcendente que eterniza o mundo sensível e dá sentido a sua vida e a sua prática sacerdotal.

Outro traço que dá a medida da forte presença do biografismo em sua produção lírica é a presença de um tópico geográfico recorrente e característico da Serra Gaúcha onde ele nasceu e viveu: o vale. Por sua conformação convergente e de receptáculo, o vale congrega de modo natural em si os atributos da introspecção e do recolhimento sob uma natureza idealizada e de aprazimento desejado. O espaço bucólico constitui ainda, junto do sacerdócio, uma disposição fundamental em sua existência e em sua obra poética, a da espiritualidade mais profunda.

PRIESTHOOD AND POETRY: THE WORK OF OSCAR BERTHOLDO

ABSTRACT

The present paper focuses on the genesis of the poetic work of Father Oscar Bertholdo. Born into a family of small farmers in the mountainous region of Rio Grande do Sul, Bertholdo found the motivation and the necessary tools for building a significant body of literary work in the Catholic seminaries of religious education. Classes in philosophy and foreign languages, often comprising the great classics of universal and Brazilian literature, awakened in the young seminarian the taste and aptitude for literary creation recognized by great personalities of Brazilian national culture, such as Nelson Werneck Sodré, Maria Chamie and Don Pedro Casaldáliga.

KEYWORDS: Poetry. Religion. Catholicism.

SACERDOCIO Y POESÍA: LA OBRA DE OSCAR BERTHOLDO

RESUMEN

El presente trabajo tiene como tónica la génesis de la obra poética del Cura Oscar Bertholdo. Egreso de una familia de pequeños agricultores de la región serrana de Rio Grande do Sul, Bertholdo encontró en los seminarios católicos de formación religiosa la motivación y los instrumentos necesarios para construir una significativa producción

literaria. Las clases de filosofía y de lenguas extranjeras ilustradas, muchas veces, con los grandes clásicos de la literatura universal y brasileña, despertaron en el joven seminarista el gusto y la aptitud para la creación literaria reconocida por grandes personalidades de la cultura nacional, como Nelson Werneck Sodré, Maria Chamie y Don Pedro Casaldáliga.

PALABRAS CLAVE: Poesia. Religión. Catolicismo.

REFERÊNCIAS

ANTOLOGIA poética Matrícula. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 17 jun. 1967, p.16.

BACHELARD, Gaston. *Fragmentos de uma poética do fogo*. Tradução Norma Telles. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BERTHOLDO, Oscar; PAVIANI, Jayme; POZENATO, José Clemente *et al.* *Matrícula*. Caxias do Sul: Livro Sul, 1967.

BERTHOLDO, Oscar. *Poemimprovisos*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

BERTHOLDO, Oscar. *Lugar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

BOSI, Alfredo. *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

HELENA, Lúcia. O homem viaja em círculo. Eppur si muove. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1974.

BERTHOLDO, Oscar; PAVIANI, Jayme; POZENATO, José Clemente *et al.* Entrevista cedida a Antonio Hohlfeldt. Quatro poetas da região do vinhedo preparam um novo livro. *Correio do Povo*, 13 dez. 1977. Caderno de Sábado.

BERTHOLDO, Oscar, A palavra domada tece a poesia de Oscar Bertholdo. Entrevista cedida a Antonio Hohlfeldt. *Correio do Povo*, 17 out. 1973. Caderno de Sábado.

BÍBLIA. Apocalipse. Português. *In: A BÍBLIA SAGRADA: ANTIGO E NOVO TESTAMENTO*. Tradução João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

LIMA, Jorge de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

MENDES, Murilo. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MENDES, Murilo. Ideário crítico. In: ARAÚJO, Laís Correa de. *Poetas modernos do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PICCHIO, Luciana Stegnano. *História da literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. O momento literário. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n.16, nov./dez. 1967.

SUHAMY, Henry. *A poética*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

Submetido em 31 de março de 2022

Aceito em 08 de abril de 2022

Publicado em 29 de maio de 2022
